O VIVIDO E O ETERNIZADO: A CONSTRUÇÃO FÍSICA E IMAGINÁRIA DE UMA CIDADE-BALNEÁRIO

THE LIVED AND THE ETERNALIZED: THE PHISICAL AND IMAGINARY CONSTRACTION OF A WATERING CITY

Glaura Teixeira Nogueira Lima[1]

Resumo:
A construção imagética e material da cidade balneária de Araxá-MG manifestou-se no final do século XIX. A partir de 1937 teve início a execução de um modelo que seria "ideal", impondo-se como um projeto político-sócio-cultural de pretensões hegemônicas. Em 1944, a inauguração desta nova estação de águas representou a tentativa de recriação da própria cidade. Abordando a historiografia e o discurso regionalistas, são discutidas as relações entre história e memória. A imagem enquanto fonte vem revelar, por meio de narrativas, as identidades, as memórias. Apoiando-se em suportes materiais para buscar essas identidades, são enfatizados os modos como personagens, espaços, tempos, práticas e sensibilidades levam ao patrimônio natural e ao patrimônio construído.
Palavras-chave: História, Memória, Cidade.

Abstract:
The imaginary and physical construction of the watering city Araxá-MG happened at the end of XlX century. Since 1937 they started to execute a model that had to be the "ideal" one, it was a politic-social-cult project of hegemonic pretends. In 1944, the inauguration of this new watering place they were even trying to recreate the main city. Boarding the historiography and the regional speech, they argued about the relation between history and memory.

[1] Professora Adjunta no Curso de História da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). E-mail: glaurateixeira.nl@gmail.com

The images shows, by narratives, the identities, the memories. Supporting on material stuffs to find these identities, they focus how the characters, the spaces, the time, the practices and the sensibilities take to the natural patrimony and the constructed patrimony.
Key-words: History, Memory, City.

A forma como se deu a materialização de Araxá, em Minas Gerais, enquanto cidade-balneário, no período compreendido entre os anos 1920 e 1940, revelou vários lugares, ora na cidade, ora no balneário, ora nos caminhos que levavam até ambos, trazendo significados, regras e hierarquias peculiares a cada um ou semelhantes entre eles. Na diversidade e na similaridade fundadas por elementos como terra e água formulou-se o panorama urbano cuja indagação inicial pretendeu-se desvelar. Que cidade é esta construída no campo material e no sensível sob o emblema das águas e que, por tradição, lhe tem reservado uma identidade tão específica quanto híbrida, formada no modo de vida e nas experiências dos seus moradores e visitantes? De que forma esta cidade alcançaria a prosperidade material e ofereceria meios de cura, de embelezamento e de veraneio? (SENNET, 2003; LIMA, 2006).

Da imbricação entre dois territórios fisicamente distanciados nasceram, primeiro, a cidade e, depois, o Balneário onde nessas terras de origem rural brotaram as fontes de águas minerais. Do natural ao construído percorreu-se uma via de duplo sentido: urbanizar para gerar riquezas, produzir para fazer uso apropriado dos recursos naturais, valorizar o ambiente natural para conquistar conforto e prosperidade materiais e, com estes, receber os veranistas que chegavam em busca de lazer e os doentes à procura de tratamento. Diante dessas percepções foi preciso transformar a cidade em balneário e o balneário em cidade (preferencialmente uma cidade-jardim), assegurando, assim, a condição efetiva de cidade-balneário.

Eis o desafio: a consubstanciação de Araxá e do Barreiro não partia das possibilidades inseridas exclusivamente nos traços fronteiriços entre um e outro. Ambos construíram-se na materialidade e nas sensibilidades conforme o entendimento e as imagens idealizadas de cada um desses espaços. O objetivo de interpretar a dimensão simbólica projetada na estância hidromineral e sua inserção no quadro mais amplo das esferas política, social e cultural sugeriu a existência simultânea de

antigas e novas formas de ver, de pensar, de sentir e de decidir sobre a cidade-balneário enquanto experiências vividas por habitantes e frequentadores.

Em função disso, a presente proposta de abordar as representações sobre espaços onde se deve residir, trabalhar, descansar, praticar veraneio e buscar tratamento para os males do corpo e da alma partiu da identificação dos discursos técnico-científicos e das próprias identidades. A descoberta do valor terapêutico das águas radioativas e sulfurosas e, somada a esta, as perspectivas de aproveitamento desse potencial conduziram a uma nova ordem urbanística, uma estratégia de controle ditada por valores como higiene e produtividade e implantada pelo poder público municipal (SILVA, MACHADO FILHO, 1946).

A construção da imagem de uma cidade enquanto tal, articulada pelo discurso *progressista* e, sobretudo, como cidade das águas que podem higienizar, curar e aliviar as tensões urbanas, exigiu os chamados melhoramentos. Serviços de água, energia elétrica, telefonia, calçamento e rede de esgoto, matadouro, mercado, hospital e vias com jardins públicos, higienizados e embelezados, hotéis e "Casa de Banhos", impuseram-se como essenciais. Criar o grupo escolar, o teatro e o cinematógrafo constaram do conjunto de medidas inovadoras constantemente reivindicadas e lentamente praticadas. Nesse sentido, o discurso médico-higienista articulado ao do racionalismo dos engenheiros-construtores ancorou as ações normativas que disseminavam noções de higiene e exerciam domínio sobre os espaços públicos e os ambientes privados (BERMAN, 1986; NEEDELL, 1993).

Se questões como estas se apresentavam como fundamentais à cidade, transportadas à estação de águas tinham a sua dimensão ampliada. A contínua presentificação de mudanças, mirando-se sempre em modelos afamados, transferiu ao poder público o dever de buscar recursos oriundos do poder privado para suprir as necessidades de sobrevivência da população e as conveniências individuais. Nesse cenário transformador que entrevia o real aproveitamento do Barreiro, as negociações dos direitos de posse e de uso das fontes envolveram uma rede de interesses conflitantes que colocaram em confronto as relações de poder.

À concepção das transformações no tecido urbano seguiu-se a viabilização de estradas, pontes e ferrovia, espaços destinados às mais variadas experiências de bem-estar e de crescimento material, decorrentes

do fetichismo promovido pela existência das águas. Os tempos então sentidos por Araxá configuraram-se como representativos de um quadro de expectativas e anseios em que moradores e visitantes compartilhavam possibilidades de mudanças pessoais e coletivas (MATOS, 2002).

Os novos hábitos e comportamentos adotados nos espaços públicos ou naqueles restritos às elites – onde eram cultivadas ideias, opiniões e críticas – reproduziram os ditos padrões europeus de civilização, que foram apropriados pelas cidades e pelos cidadãos brasileiros de acordo com as especificidades presentes. A cidade-balneário contava com o que as estações europeias também podiam oferecer. Afora os parâmetros de conforto e de avanço técnico-científico, aqui se dispunham de elementos tais quais àquelas, como as águas, o clima, a vegetação e, particularmente, a liberdade diante das pressões rotineiras e da possibilidade de se fazer, no mínimo, algo diferente do habitual (MANN, 2000).

O impacto da viagem inaugural do trem de ferro, em 1926, ligando Araxá às principais capitais do centro do país, havia cristalizado uma antiga aspiração, renovando alguns dos modos de viver da população. No entanto, o caráter efêmero dos significados das transformações que a locomotiva conduzia rumo à cidade e à estação de águas logo se tornou evidente. Novos anseios e inquietações foram surgindo e o plano de se criar um modelo de estância hidromineral foi adiado até a "Era Vargas" (LIMA, 1999).

Seguramente, imensas dificuldades permeavam a vida das estâncias mineiras. Em Araxá, o aparelhamento adequado incluiria, fundamentalmente, um Balneário definitivo, novos hotéis, empresas arrendatárias das águas com engarrafamento e exportação do produto, melhorias de serviços urbanos – entre estes os de saneamento, pavimentação e embelezamento – e extração dos sais minerais com pequenas indústrias deles derivadas. Pontuavam-se esses componentes havia décadas e os discursos que os reivindicavam, assim como os próprios objetos de reivindicação, pareceram infindáveis e sujeitos às relações de luta e de poder (MAGALHÃES, 1945).

O fato é que o processo de urbanização e de modernização de Araxá, até os anos 1920 e 1930, expressou o desejo de reformular o espaço público, fazendo com que os cidadãos pudessem viver um novo tempo, mais salubre, confortável e ativo. A dinâmica dessas transformações vividas pressupunha a existência das

águas minerais e a viabilidade de sua utilização como referencial terapêutico, e o debate acerca da necessidade de se realizarem melhoramentos urbanos e de se aparelhar o Barreiro apontou para a constante busca de uma posição de estância modelar, integralmente destinada a receber aquáticos e visitantes. Todavia, não se extinguiram, conforme muitas vezes sugerido e prometido, as formas de produzir, de circular e, fundamentalmente, de pensar.

Nos anos 1920 e em parte dos anos 1930, as fontes do Barreiro e os espaços ao seu redor passaram a contar com alguns dos desejados melhoramentos, considerados então indispensáveis. A cidade também buscou a alteração do seu cenário. Reformas físicas foram promovidas, bens e serviços foram incorporados às necessidades cotidianas e formas de viver próprias de um mundo em transformação foram adotadas pelos habitantes, incluindo-se entre esses os pertencentes à categoria dos trabalhadores. Havia os filhos da terra – uns mais atentos às mudanças, outros menos – e os que chegavam atraídos diretamente pela possibilidade de crescerem juntos com a estação de águas.

O engajamento dos habitantes e a organização do trabalho favoreceram a abertura de pontos comerciais e de opções de entretenimento como cinemas, bares, confeitarias e casas de jogos. No interior dessas relações de trabalho estiveram à mostra condições dissonantes do cotidiano que se quisera adotar como digno de um "padrão civilizatório". Se já se podia dispor de elementos como a estrada ligando a cidade ao Barreiro, o Balneário ampliado, as fontes reformadas, os jardins elaborados com aparência bucólica, os hotéis em número considerável, os serviços destinados a facilitar a estada dos visitantes e os produtos a serem consumidos e divulgados, o ritmo imposto pelas aspirações permaneceu num compasso por vezes avançado e por outras recuado (SILVA, MACHADO FILHO, 1946; BALANDIER, 1997).

Unindo ideias de higiene, de saúde física e de embelezamento às noções de trabalho e de lazer, o que se buscou foi agregar possibilidades para oferecer as águas revigorantes do organismo aos seus frequentadores. As iniciativas de médicos, engenheiros, geólogos, hoteleiros, administradores e publicitários tornaram-se visíveis na promoção de estudos científicos sobre as qualidades das águas, que, aliadas ao meio natural e ao conforto dos espaços públicos e privados, conquistaram, gradualmente, respaldo técnico

e demanda de visitantes (CARVALHO, 1928).

Em meados da década de 1930, os araxaenses viram aproximar-se a oportunidade de contarem, finalmente, com as condições propícias à permanência, mas também ao supremo bem-estar dos usuários das águas. Recomendava-se que os visitantes que chegassem em busca de repouso fossem cercados da comodidade inerente àquele período de ausência de trabalho (SILVA, 1936). A premissa dominante no período de que todo cidadão deveria ser um trabalhador no sentido exato do termo lhe reservou o direito ao descanso. Nesse sentido, muitos habitantes locais criaram diversas maneiras de fazer expandir sua cidade, por meio do trabalho e da possibilidade de antecipar-se ao tempo, a partir da leitura que cada um fazia daqueles espaços urbanos (MATOS, 2002).

Na cidade-balneário os ambientes privados dos hotéis não apenas acolheram os hóspedes em temporada, como também lhes proporcionaram convívio social, tratamentos, dietas alimentares especiais ou tipicamente mineiras, reforçando, dessa maneira, os signos de sociabilidade e de hospitalidade disponíveis. Considerando-se o universo dos hotéis, do Balneário (antigo e novo), das fontes e dos serviços urbanos, percebe-se que, com seus lugares de descanso, de cura dos males do físico e da mente, de divertimentos e de trabalho, ele permitiu a criação de outros espaços sociais e de relações de poder, inclusive recíprocos, dando vigor às diferenças entre as vidas diurna e noturna. A presença costumeira de pessoas de diferentes lugares colaborou para a formulação de hábitos e representações cosmopolitas postos lado a lado de outros de tradição conservadora. Ambos, contudo, mostraram-se igualmente provocadores de reações de deslumbramento e estranhamento, mas incorporaram-se aos demais mediante as percepções permitidas pelo contato com o outro. A urbanização trouxe a sociabilidade e esta, por sua vez, a adoção de novos padrões de comportamento (NEEDELL, 1993).

A cidade tinha seu próprio cotidiano urbano, mesclado ao rural, e aquele que se projetava para as temporadas, a princípio, de três semanas. Nesse período, o cenário local parecia absorver a diversidade de referências que apontavam as potencialidades individuais e coletivas. Os divulgadores da estância de Araxá depositavam confiança nas possibilidades da aludida variação do lugar, que, aliadas à hidroterapia e aos benefícios climáticos, permitiam a introdução de

um tempo próprio ditado pela ingestão de doses diferentes de água, pela imersão relaxante dos banhos e pelos prazeres de degustação e contemplação. Essas práticas e representações corporais e sensoriais possibilitavam, ainda, o ingresso no mundo da estética, carregando os signos da beleza e da aparência. Novamente, a sociabilidade permitida promovia a reciprocidade e, ao final daquelas semanas, as ausências dos visitantes ainda sugeriam suas presenças por meio dos caminhos que se abriam.

Quando se decidiu pela implantação do novo Complexo Termal do Barreiro de Araxá e, por conseguinte, pela construção de um modelo emblemático de estância hidromineral – "a maior e mais bela do continente" – o cenário desenhou-se como uma tentativa de recriação da própria cidade. Da visão idealizada à materialização, de fato, chegou-se à ocupação a partir de 1944. O cotidiano da cidade-balneário sofreu alterações semelhantes àquelas anteriormente vividas, se comparadas às melhores temporadas.

O projeto de estância hidromineral executado se sobrepôs às expectativas da população e aos anseios manifestos durante mais de meio século. Opções mais modestas e, ainda assim, capazes de atender às necessidades e reforçar o discurso de uma vocação natural viram-se preteridas. Os objetivos de uma obra de dimensão física gigantesca e de significado social que extrapola a pretensão de objetividade e neutralidade dos mestres do saber técnico-científico vieram de encontro às ideias nacionalistas, autoritárias e permeadas por certezas. As linguagens expostas por meio dos discursos e da materialidade foram adotadas para oferecer uma visão etérea, causando impacto diante do belo, do majestoso, do propulsor de riquezas necessárias à sobrevivência da cidade, dos corpos que as procuram e dos interesses individuais delas decorrentes (D'ALESSIO, 2002).

As mudanças refletiram-se no esquadrinhamento da cidade à medida que se implantaram determinados serviços de saneamento, pavimentação, embelezamento e assistência social, reunidos sob o simbolismo de uma nova versão inscrita em uma das praças centrais da cidade. As possibilidades de trabalho evidenciadas durante o processo de gestação e mesmo depois de concluído o projeto integraram em grande medida as reações de quem se via na materialização daquela ideia, mais próxima da construção coletiva de um sonho do que, efetivamente, da solução dos problemas

de centenas de trabalhadores no dia-a-dia da construção (HALBWACHS, 1992; SILVA, 1936).

As turbulências da segunda metade da década de 1940 floresceram as incertezas daquele quadro que se pretendeu definitivo, revelando, pois, a sua provisoriedade. A desestabilização do Estado Novo, alimentada pelos efeitos da guerra e convulsionada pela negação do continuísmo varguista, não agilizara apenas a abertura oficial das Termas de Araxá e de todo o Complexo, em parte inacabado (SARLO, 1997). Na derrocada de um governo para o início de outro, a repressão aos jogos de azar pôs fim, ainda que prematuramente, ao recém-inaugurado cassino do Grande Hotel. Às dificuldades de se manter o novo Balneário aparelhado e ativo, tal como fora concebido, somou-se a disseminação dos medicamentos produzidos quimicamente. A inovação dos tratamentos com a descoberta da penicilina, por um lado, e o fechamento dos cassinos, por outro, alteraram mais uma vez o ritmo das estações. A cura conquistada lentamente com as águas, mas estimuladora do clima intenso vivido nas temporadas, foi substituída pelas novas curas. O tempo em contínuo movimento nas estâncias passou a sofrer a perda de grande parte do fetichismo de outrora. Os rituais da cura e do lazer estabelecidos nos antigos moldes cederam lugar, na história e na memória, às formas de socialização permitidas pela materialidade do Complexo (NOGUEIRA, 2005; MANGUEL, 2001; PESAVENTO, 1999).

Se 1946 acenou para o fim do espetáculo promovido, mesmo que em curto período, pelo fascínio das rodadas no cassino do Grande Hotel, outras linguagens permaneceram em vigor. Os *shows* de músicos e dançarinos e os rituais chiques adotados naqueles ambientes configurados como "espaço da diferença", evidenciaram um conjunto de experiências praticadas e constitutivas de sensibilidades próprias. Não mais, certamente, aquelas concentradas puramente nos efeitos curativos das águas (ARANTES, 2000).

Talvez o prenúncio da nova era – a era Grande Hotel – fosse o do tempo da memória, agindo numa constante presentificação do futuro como se algo abrisse espaço para ainda encontrar o seu lugar. Coube ao "estrangeiro", tal como fora definido o visitante no início daquele século XX, desempenhar o papel da excepcionalidade da estância hidromineral para ser refigurado e recontado no campo das memórias. Os tempos de embelezar e de divertir, associados ao

tempo de curar, permitiram que se construísse um tempo de memória. Os personagens em ação naquele momento voltaram ao passado na busca por uma ou mais identidades e acabaram por projetar e construir outras identidades, outros espaços físicos, outras memórias (SOUZA, 1987; WEBER, 1988; VIGARELLO, 2006).

Se a temática é precursora em Araxá e alguns aspectos encontram-se aqui presentes, outros, todavia, não foram privilegiados nesta investigação. As possíveis lacunas reveladas poderão desdobrar-se em novas indagações, com novas feições, fazendo emergir outros ângulos, ou sentidos, à via adotada. As experiências noturnas, especialmente aquelas associadas ao cotidiano de uma estação de águas, devem ser contempladas por uma abordagem histórica que insira, igualmente, a cidade e o Barreiro. Partindo-se dos cassinos, dos *shows*, dos bares, dos jantares, dos carnavais e, por fim, da boemia, se poderão alcançar os "prazeres da noite" que, ao lado das atividades diurnas, serão integrados à sociabilidade urbana. Outras opções poderão iluminar a compreensão da estância se alargado o recorte temporal e se promovido o aprofundamento da cidade enquanto espaço de memórias. Os arquivos e as demais fontes, em particular as fontes orais, visuais, literárias, jornalísticas e os objetos da cultura material, estão momentaneamente silenciados, "à espera de um narrador" (MANGUEL, 2001).

REFERÊNCIAS

ARANTES, Antônio Augusto (Org.). *O espaço da diferença*. Campinas: Papirus, 2000.

BALANDIER. Georges. *O contorno*: poder e modernidade. Tradução de Suzana Martins. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar*: a aventura da modernidade. Tradução de Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioratti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

CARVALHO, Horacio (Org.). *Album do Araxá*. São Paulo: Typographia Gutemberg, 1928. Arquivo FCCB.

D'ALESSIO, Márcia Mansor. "Estado-nação e construções identitárias: uma leitura do período Vargas." In: BREPOHL, Marion; BRESCIANI, Maria Stella; SEIXAS, Jacy A. (Orgs.). *Razão e paixão na política*. Brasília: Universidade de Brasília, 2002.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva.* Campinas: Unicamp, 1992.

LIMA, Glaura Teixeira Nogueira. *Das águas passadas à terra do sol*: ensaio sobre a história de Araxá. Belo Horizonte: BDMG Cultural, 1999.

_____. "O natural e o construído: a estação balneária de Araxá nos anos 1920-1940." In: REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA. Órgão Oficial da Associação Nacional de História. São Paulo, ANPUH, vol.26, n.51, jan./jun. 2006.

MAGALHÃES, Mário de Castro. *A estância de Araxá*. Araxá: s/n., 1945.

MANGUEL, Alberto. *Lendo imagens*: uma história de amor e ódio. Tradução de Rubens Figueiredo, Rosana Eichemberg, Cláudia Strauch. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MANN, Thomas. *A montanha mágica*. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

MATOS, Maria Izilda Santos de. *Cotidiano e cultura*: história, cidade e trabalho. Bauru: EDUSC, 2002.

MUMFORD, Lewis. *A cidade na história.* Belo Horizonte: Itatiaia, 1965.

NEEDELL, Jeffrey. *Belle Époque tropical*: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século. Tradução de Celso Nogueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

NOGUEIRA, Octaciano. *A Constituinte de 1946*: Getúlio, o sujeito oculto. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade*: visões literárias do urbano - Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1999.

SARLO, Beatriz. *Paisagens imaginárias*: intelectuais, arte e meios de comunicação. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997. (Ensaios Lantino-americanos; 2)

SENNET, Richard. *Carne e pedra*. 3ª. ed. Tradução de Marcos Aarão Reis. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SILVA, Sebastião de Affonseca. *Ligeiros commentarios sobre a localização do novo estabelecimento balneario de Araxá.* Abril de 1936. p.4. Arquivo FCCB.

SILVA, Sebastião de Affonseca e; MACHADO FILHO, Aires da Mata. *História do Araxá*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1946.

SOUZA, Gilda de Mello e. *O espírito das roupas*: a moda no século dezenove. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

VIGARELLO, Georges. *História da beleza*. Tradução Léo Schlafman. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

WEBER, Eugen. *França fin-de-siècle*. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

Artigo recebido em: 21/11/2012
Aprovado para publicação em: 05/01/2013